

SOBRE AS ESTRUTURAS CAUSATIVAS SINTÉTICAS NO PORTUGUÊS

Vanda de Oliveira Bittencourt

RESUMO

Neste trabalho, proponho-me investigar a ocorrência, no português coloquial, de estruturas causativas sintéticas (do tipo Ele estudou os filhos nos Estados Unidos), bem como apresentar uma possível análise e explicação para elas. Inicialmente, examino o comportamento sintático e semântico do SN pós-verbal nelas ocorrente; em seguida, confrontando-as com estruturas causativas analíticas, procuro apresentar uma explicação funcional, baseada, sobretudo, no princípio de motivação icônica postulado por Haiman (1983) e nos princípios de natureza pragmática defendidos por Comrie (1983).

ABSTRACT

In this paper, I intend to investigate the occurrence, in colloquial Portuguese, of synthetic causative structures such as Ele estudou os filhos nos Estados Unidos - He studied (caus.) his children in USA - in an attempt to present an analysis and an explanation for them. At first I will examine the syntactic and semantic behavior of the post-verbal NP, and after, comparing such structures with the corresponding analytic ones, I will propose a functional explanation, based on the principle of iconic motivation postulated by Haiman (1983) and on the pragmatic notions defended by Comrie (1983).

1. Introdução

De um modo geral, os gramáticos tradicionais preocupam-se em analisar estruturas causativas portuguesas do tipo de:

- (1) a. Mandei que ele entrasse.
b. Mandei-o (ele) entrar.
- (2) a. O professor fez (com) que eu sáísse da sala.
b. O professor me fez sair da sala.
- (3) a. Ele deixou que a mala caísse.
b. Ele deixou-a (ela) cair.

que são construções analíticas. Conforme a acepção do verbo principal, elas são classificadas como causativas de comando (mandar), factitivas (fazer) e permissivas (deixar). No caso de (b), causativas com infinitivo, há várias propostas de análise, como, por exemplo, a de Pontes (1973), que considera o verbo causativo como principal e a oração de infinitivo como objetiva direta; e a de Said Ali (1966), que defende a idéia de que os verbos causativos são auxiliares. Para este último, são verbos auxiliares causativos em português fazer, mandar e deixar, sendo que o primeiro é auxiliar causativo por excelência, já que os dois últimos encerram uma idéia secundária (que ele não explicita) (cf. Said Ali (1966:63)).

Há, entretanto, por parte dos autores tradicionais, pouca ou quase nenhuma menção da ocorrência, em português, de estruturas causativas sintéticas. O próprio Said Ali (id. ib.) chama a atenção para o seguinte:

Em outras línguas encontramos exemplos de verbos causativos formados sinteticamente, em vez dos auxiliares. Assim do latim cado, 'cair', formou-se caedo, cuja significação primitiva era 'fazer cair'. Do mesmo modo o inglês to fall deu o derivado to fell, e os verbos to sit, to lie, deram respectivamente os derivados causativos to set, e to lay, que a princípio significaram respectivamente fazer, ficar sentado e fazer ficar deitado.

Carlos Góis (1955:97) é um dos raros gramáticos que faz alusão à ocorrência no português de orações causativas sintéticas, tais como:

- (4) Calei o relógio.
- (5) Emudeci o auditório.
- (6) O cão correu a caça.

que, segundo ele, equivalem, respectivamente, a:

- (7) *Fiz calar o relógio. / Fiz o relógio calar.*
 (8) *Fiz emudecer o auditório. / Fiz o auditório emudecer.*
 (9) *O cão fez correr a caça. / O cão fez a caça correr.*²

(Góis (1955: 96 - 7))

Temos aqui, diz ele, um dos casos de *idiotismo* do português em que há um objeto direto factício, que é um objeto apenas aparente de um verbo intransitivo, já que o seu papel verdadeiro é de *sujeito* desse verbo. Assim, em (7)-(9) acima, segundo ele, relógio, auditório e caça seriam, na verdade, o sujeito dos verbos intransitivos calar, emudecer e correr, respectivamente, que estariam revestindo a aparência de seu objeto direto (cf. p. 96).

Tem-me chamado a atenção a ocorrência, não só na língua oral portuguesa que ora investigamos, mas também na língua escrita de jornal e de revista (sobretudo nos títulos de notícias), de estruturas causativas sintéticas do tipo arrolado por Carlos Góis.

Procurarei, neste trabalho, a partir de dados colhidos através de gravações e de anotações feitas no momento de sua enunciação por parte de falantes do segmento culto universitário (faixa etária de 25 a 50 anos), examinar mais detidamente esse tipo de estrutura causativa. Primeiramente, tentarei definir o "status" do SN pós-verbal; depois, buscarei explicar tal construção à luz do princípio de motivação icônica postulado por Haiman (1983), de princípios pragmáticos defendidos por Comrie (1983) e de minhas próprias deduções.

2. Do "status" do SN pós-verbal

Carlos Góis (1955:96), conforme já observei, analisa o SN pós-verbal das estruturas causativas sintéticas como objeto direto aparente de um verbo intransitivo. O objeto direto factício, afirma ele

ocorre com os verbos factitivos (também chamados "causativos"). São verbos "intransitivos", que se tornam "aparentemente transitivos", em razão de uma suposta predicação incompleta. Antes desses verbos podem subentender-se os auxiliares fazer ou tornar, ex.: Adormeci a dor (adormeci o quê? a dor -- Fiz a dor adormecer = Fiz que a dor adormecesse); dor é verdadeiramente o sujeito do verbo intransitivo adormecer; entretanto, "reveste a aparência" de seu objeto direto.

De suas palavras, percebe-se que ele intui a respeito da função objetiva do SN pós-verbal, mas prefere analisá-lo a partir da estrutura de que teria derivado. Assim é que ele comenta que se trata de *um caso interessante de metátese de funções* (p. 89 e 93).

A partir dos dados que constituem o corpus básico do meu trabalho, proponho-me, agora, averiguar se, tal como observa Carlos Góis, as construções causativas sintéticas ocorrem apenas com verbos intransitivos. Procurarei, a seguir, examinar o "status" sintático e semântico do SN que ocorre após esses verbos (e que esse autor considera como objeto aparente), visando a apresentar uma proposta de análise para ele.

Quanto ao corpus, foram coletados sessenta exemplos de causativas sintéticas. Dessas, apenas duas contêm verbo transitivo, mas indireto — o que confirma os dados de C. Góis. São elas:

- (10) A tarefa do Mestre consiste em contatar o discípulo com o plano. (Equivale a: 'A tarefa do Mestre consiste em fazer com que o discípulo entre em contato com o plano.')
- (11) O funcionamento sintático é que difere fundamentalmente o substantivo do adjetivo. (Equivale a: 'O funcionamento sintático é que faz com que o substantivo difira do adjetivo.')

Vejamos alguns dos cinquenta e oito exemplos com verbo intransitivo:

- (12) Ela não agüentou e voltou os alunos.
- (13) Eu quis falhar ela na escola ontem.
- (14) Não consigo sair o carro da garagem.
- (15) Esta cozinha, eu brilho ela num minuto.
- (16) Esse remédio vai dormir Miriam.
- (17) Esse veneno desaparece as baratas.
- (18) Não use essa escova que ela dói o cabelo.
- (19) O cetim escorrega o travesseiro.

Hã alguns casos em que o verbo é do tipo que se costuma classificar como *transitivo usado intransitivamente*:

- (20) Eu almocei os meninos e depois levei eles pra escola.
- (21) Graças a Deus estudei todos os meus filhos.

Hã outros, bastante interessantes como:

(22) Quem conseguiu voltar o governo atrás?³

(23) Vai ver que eles estão entrando todo o mundo pelo cano.

em que o SN pós-verbal ocupa o interstício de toda uma expressão cristalizada: 'voltar atrás', 'entrar pelo cano'. Em estruturas como:

(24) Estou acostumando a sair o pessoal nesse horário.

correspondente a 'Estou fazendo com que o pessoal se acostume a sair nesse horário', parece-me que fica bem clara a acepção factitiva das estruturas causativas sintéticas no português, já que se pode ter também

(25) Estou acostumando o pessoal a sair nesse horário.

Numa próxima etapa de minha pesquisa, pretendo justamente investigar se procede a minha suspeita de que as causativas sintéticas em português são principalmente de sentido factitivo.⁴

No que concerne à predominância de verbos intransitivos é fácil de se explicar: não são tão comuns no português casos de duplo objeto. A propósito, seria oportuno lembrar aqui as observações de Bittencourt (1979) e Pontes (1982 e 1984) a respeito das condições de ocorrência da posposição do sujeito. Também nesse caso, é mais natural a posposição em orações com verbos intransitivos. Pontes (1984) apresenta uma série de evidências em favor da hipótese de que os SNs pospostos apresentam inúmeros traços próprios do objeto direto, o que confirmaria a análise de Perlmutter (1976) de que os SNs pospostos perdem o "status" de sujeito.

Proponho-me, então, assim como Pontes o fez para as orações com SN posposto a verbo intransitivo, investigar se, também no caso das causativas sintéticas, o SN pós-verbal apresenta traços do objeto direto — o que nos levaria a concluir, diferentemente de Carlos Góis, que não se trata de objeto aparente. Vou partir da visão tradicional de que o objeto é o SN que: normalmente ocupa a posição pós-verbal (em português, é claro); não tem controle de CV; pronominalizado, aparece na forma clítica acusativa; corresponde ao SN sujeito da oração passiva e é, de um modo geral, paciente da ação expressa pelo verbo.

Observe-se, pois, a série de exemplos abaixo:

- (26) O Atlético volta Eder amanhã.
- (27) Com isso ele cala o povo.
- (28) Chora não, meu nego, que eu vou sair você daí.
- (29) Eles acabam desistindo a gente.

Em todos eles, assim como nos demais aqui apresentados, o SN, considerado por Carlos Góis como sujeito real da oração, aparece em posição pós-verbal. Ora, a ordem mais natural, não marcada, das orações transitivas em português é SVO. Assim é que sentenças como:

- (30) ? O Atlético Eder volta amanhã.
- (31) ? Com isso ele o povo cala.
- (32) ? Chora não, meu nego, que eu você vou sair daí.
- (33) ? Eles acabam a gente desistindo.⁵

em que o segundo SN aparece em posição pré-verbal, mais típica de sujeito, são muito menos naturais — o que constitui evidência de que, quanto à posição, o segundo SN das causativas sintéticas procede como objeto direto. É bom notar que em meus dados não há nenhum caso em que o segundo SN aparece na posição pré-verbal.

Examinando, agora, exemplos como:

- (34) Foi a senhora que me casou, mamãe.
- (35) Ele nos salu do buraco.

podemos constatar que há casos (naturais) de causativa sintética com o segundo SN anteposto ao verbo. Observe-se que isso se dá no caso de o SN ser pronomes clíticos, cuja posição mais comum no português do Brasil é pré-verbal.

Convém ainda salientar que, até mesmo nas construções causativas analíticas com infinitivo, é freqüente a posposição do SN ao infinitivo:

- (36) Mandei vir uma pá de livros.
- (37) O senhor já vai fazer entrar o outro cliente?
- (38) Deixei cair tudo que tava na bolsa.

Examinemos, agora, o comportamento sintático do SN pós-verbal em face do processo da Concordância Verbal que normalmente é, no

português, controlada pelo sujeito. Atente-se para os seguintes dados:

- (39) a. Vê se você funciona esses rádios pra mim.
 b. Com a briga, eles acabaram a festa.
 c. Eu vou parar Miriam de chorar.
- (40) a. *Vê se você funcionam esses rádios pra mim.
 b. *Com a briga, eles acabou a festa.
 c. *Eu vai parar Miriam de chorar.

A agramaticalidade de (40) atesta que o SN pós-verbal não controla a CV e que, portanto, não funciona como sujeito. Decat (1983), com base em dados do português oral, postula uma regra de Concordância Verbal em que o verbo, opcionalmente, concorda com o SN posposto. A própria gramática tradicional arrola casos de concordância com outro termo que não o sujeito. Trata-se, contudo, de casos esporádicos. No que concerne às causativas sintéticas, a regra de concordância aplica-se apenas do SN anteposto e nunca ao posposto. Podemos, então, concluir que, do ponto de vista de CV, o SN pós-verbal das estruturas causativas funciona como objeto, ou, pelo menos, não funciona como sujeito. Ainda que se admita, tal como aventa Decat (1983), que a Concordância Verbal é controlada pelo tópico, isso não invalida as conclusões aqui apresentadas. Conforme se viu, o segundo SN da causativa sintética normalmente ocorre depois do verbo — posição essa que não é a típica do elemento tópico (pelo menos como o entende Decat).

Nas sentenças (34) e (35) pode-se depreender um outro traço, neste caso morfológico, característico do objeto direto em português: a forma pronominal clítica acusativa. Vejam-se outros exemplos:

- (41) a. Te atrasei demais, heim Beth?
 b. Os milicos vão nos voltar pra escola de qualquer jeito.
 c. Será que ele vai nos calar?

Não é muito fácil a testagem de todos os dados em relação à forma pronominal clítica, visto que ela tem baixíssimo rendimento na nossa língua oral. Nos meus dados aparecem apenas pronomes clíticos referentes à 1a. e 2a. pessoas. Isso porque a forma usual para a 3a. pessoa é a reta (ele/a, ele/s).

Um outro traço a ser investigado é quanto à possibilidade de

apassivamento. Uma das características das orações transitivas diretas é que admitem apassivação. Atente-se, pois, para os seguintes dados:

- (42) a. Esta cera brilha muito o chão.
 b. Nós vamos custar esse inventário o mais tempo possível.
 c. Ele evoluiu muito a dança dele.
- (43) a. *O chão é muito brilhado por esta cera.
 b. *Esse inventário vai ser custado o mais tempo possível (por nós).
 c. *A dança dele foi muito evoluída (por ele).

A agramaticalidade das sentenças arroladas em (43) demonstra-nos que as orações causativas sintéticas não podem aparecer sob forma passiva. Este é, então, um dos traços próprios do objeto direto que o SN pós-verbal desse tipo de estrutura não porta. Quero lembrar, contudo, que nem todas as estruturas analisadas como transitivas no português são sujeitas ao apassivamento. As que contêm o verbo ter, por exemplo, não o são:

- (44) a. Eu tenho duas casas na praia.
 b. *Duas casas são tidas por mim na praia.

Dentro dos moldes da teoria da prototipicidade, defendida por autores como S. Thompson, Keenan, etc., segundo a qual a definição de uma categoria seria dada com base nos casos típicos, a impossibilidade de apassivamento das causativas sintéticas não significa que o SN pós-verbal não seja objeto. Ele pode não ser um objeto típico, por lhe faltar esse traço, mas será classificado, dentro de uma escala, como menos típico.

Lakoff (1977), por exemplo, considera como construção transitiva prototípica aquela que tem dois graus de liberdade para atribuir referência a termos: sujeito e objeto, ao passo que a intransitiva típica apresentaria apenas um grau de liberdade para atribuir referência a termos e nenhum objeto gramatical (cf.p.256).

Desse modo, embora as causativas sintéticas em português não possam ser apassivadas, poderiam ser analisadas como estruturas transitivas, já que apresentam os dois graus de liberdade para atribuir referência diferente aos dois SNs que nelas ocorrem — respectivamente, sujeito e objeto das orações.

Vejamos, agora, o "status" *semântica* do SN pós-verbal.

Geralmente, o objeto direto é caracterizado *semânticamente* como o paciente de um verbo na voz ativa (cf. Kury (1970:39)); e o paciente costuma ser identificado como portador do traço [-animado]. Fillmore (1968:25), por exemplo, afirma que objetivo *é o caso mais neutro semanticamente, que se refere a coisas que são afetadas pela ação ou estado identificado pelo verbo.*

Retomando os exemplos (12)-(19), que repito aqui:

- (12) Ela não agüentou e voltou os alunos.
 (13) Eu quis falhar *ela* na escola ontem.
 (14) Não consigo sair o carro da garagem.
 (15) Esta cozinha, eu brilho ela num minuto.
 (16) Esse remédio vai dormir Miriam.
 (17) Esse veneno desaparece as baratas.
 (18) Não use essa escova que ela *dói* o cabelo da gente.
 (19) O cetim escorrega o travesselo.

podemos estabelecer o seguinte quadro, em termos do traço [\pm inanimado], tanto do SN pré-verbal quanto do pós-verbal:

	SN pré-verbal		SN pós-verbal	
	[+ animado]	[- animado]	[+ animado]	[- animado]
Orações (12)-(13)	+		+	
Orações (14)-(15)	+			+
Orações (16)-(17)		+	+	
Orações (18)-(19)		+		+

O que se constata é que há uma variação: tanto os SNs pré-verbais quanto os pós-verbais podem ser animados ou inanimados. O equilíbrio que se pode depreender do quadro é expresso também em termos de frequência, ou seja, no que concerne aos SNs pós-verbais, de 60 estruturas, 34 são com SNs *pospostos inanimados* e 26 com SNs *pospostos animados*. Por conseguinte, *acreditando-se* que o traço [-animado] é que definiria paciente, poderíamos concluir que o SN pós-verbal das causativas sintéticas em português não é paciente.

Convém ressaltar, todavia, que, diferentemente dos autores arrolados acima, há alguns que defendem a idéia de que o traço

característico do paciente é exatamente ser ele animado. Essa é, por exemplo, a posição de Lyons (1977). Para ele, tanto agente como paciente são papéis assumidos por entidades de primeira ordem, a saber tipicamente pessoas. Como isso, não só no caso das sentenças causativas, mas das sentenças transitivas da língua, teríamos que considerar pacientes apenas os SNs que se referissem a seres humanos.

Conforme se vê, não há um consenso por parte dos autores. A conceituação de paciente baseada no traço [+ animado] nos levaria a concluir que nas causativas sintéticas do português, o SN pós-verbal — que tanto pode ser [+ animado], quanto [- animado] — não poderia ser considerado paciente (admitida, é claro uma conceituação fundamentada em traços). Não creio, contudo que essa seja a melhor descrição dos dados reais do português. Conforme se sabe, em estruturas consideradas transitivas diretas (como, por exemplo: A chuva castigou a plantação, O professor castigou o aluno), tanto pode ocorrer objeto animado, quanto inanimado. Diante disso não descartaríamos a hipótese de considerar o SN pós-verbal das causativas sintéticas como paciente, seja ele animado ou inanimado.

Um outro traço que poderia ser considerado como um dos que caracterizam o paciente é o da ausência de 'volição'. No caso das estruturas causativas, especificamente, autores como Haiman (1983), por exemplo, têm chamado a atenção para o caráter não-volitivo do SN pós-verbal nas construções sintéticas. Examinando exemplos do português como:

- (14) Não consigo sair o carro da garagem.
- (15) Essa cozinha, eu brilho ela num minuto.

em que o SN pós-verbal é inanimado, a idéia de não-volição é patente. Mesmo em casos como:

- (12) Ela não agüentou e voltou os alunos.
- (16) Esse remédio vai dormir a Miriam.
- (17) Esse veneno desaparece as baratas.

cujo SN pós-verbal é animado (e, no caso de (12) e (16), humano), há a sugestão de que a ação se dá independentemente da vontade do ser expresso pelo SN em questão.

Haiman (op.cit. p. 785, nota 3) explica que a manipulação física que a causativa sintética costuma denotar é que implicaria

tal não-volição. Esse caráter manipulativo que se pode depreender nas estruturas causativas sintéticas está, de certo modo, previsto na série de características que Lakoff (1977:244) aponta como específicos de estruturas de agente-paciente (e que foram tão bem estudadas por Pontes (1984) em sua tentativa de conceituar o sujeito). Dentre elas, chamo a atenção para a que afirma que o agente tem controle do que faz, e é a fonte de energia na ação, ao passo que o paciente é o alvo (isto é, o agente dirige suas energias para o paciente).

Em termos, pois, do traço *volição*, podemos afirmar que o SN pós-verbal das estruturas causativas sintéticas é paciente.

Uma outra alternativa de análise, conforme sugeri anteriormente, seria definir paciente em termos de casos mais típicos. Pontes, em seu trabalho Sobre o Conceito de Sujeito, conclui, depois de um estudo exaustivo do problema, que tanto a noção de sujeito, como a de agente (e até mesmo de animação) são muito mais bem descritas em termos de uma teoria prototípica. Acredito, assim como Pontes, que também as noções de objeto e de paciente não são noções discretas e que devem ser definidas com base numa escala de tipicidade.

No caso da tentativa de caracterizar o SN pós-verbal das causativas sintéticas, fica-nos, pois, a conclusão de que ele é paciente. Uma das maiores evidências disso seria o seu caráter não-volitivo. Todavia, conforme comentei, isso pode ser insuficiente e tudo parece indicar que a noção de paciente (como a de objeto), no português, não é discreta e merece, pois, um exame mais exaustivo.

Tendo em vista o que se estudou aqui, podemos concluir que, no português, as construções causativas sintéticas ocorrem sobretudo com verbos que, normalmente, são intransitivos. Examinando o comportamento sintático do SN pós-verbal dessas estruturas, podemos observar que, tanto no que diz respeito à posição, quanto ao controle da Concordância Verbal, ele procede como objeto direto, e, como tal, aparece, quando pronominalizado, sob a forma clítica de acusativo. Do ponto de vista da possibilidade de apassivamento, constatou-se, todavia, que tal estrutura não se pode apassivar — o que não nos impede, creio eu, de considerar o SN objeto. Por conseguinte, podemos dizer que as estruturas causativas sintéticas portuguesas são transitivas. Quanto ao caráter semântico do SN pós-verbal, pudemos observar que ele tanto pode ser animado, quanto inanimado, o que não o descaracterizaria como paciente já que

no português o objeto tanto pode ser animado, quanto inanimado. Do ponto de vista da volição, podemos verificar que tal SN é [-volitivo], traço também específico de paciente. Tendo em vista que esses traços ainda poderiam ser insuficientes para caracterizar um SN como paciente e considerando a complexidade do assunto, aventei a hipótese de uma possível solução em termos de uma teoria que descreva as noções em termos de casos típicos.

3. Tentativa de explicação

Haiman (1983:781) defende a idéia de que

a distância entre termos lingüísticos pode ser um índice iconicamente motivado da distância conceptual entre os termos ou eventos que eles denotam.

Considerando que, devido ao caráter hierárquico da estrutura lingüística, a distância entre dois termos depende da natureza e do número de limites não segmentais que os separam, ele estabelece a seguinte escala (sob outra numeração):

- (45) a. X # A # Y
 b. X # Y
 c. X + Y
 d. Z (p. 782)

em que

- a) X, A e Y são morfemas, sendo # limite de vocábulo e + limite de morfema;
 b) as estruturas b-d correspondem à distinção entre construções analíticas, aglutinadas e sintéticas do mesmo conceito complexo envolvendo Y;
 c) a distância lingüística entre X e Y é menor quando eles estão fundidos numa forma Z; tal distância é um pouco maior quando eles são distintos, mas morfemas limítrofes, e maior ainda quando são vocábulos distintos. A distância lingüística é maior quando X e Y estão separados por uma ou mais palavras.

Usando tal escala para configurar as estruturas causativas inglesas, teríamos, segundo Haiman (1983:783), a seguinte situação: cause to die e cause to become red = a; redde = c; kill = d; em que há um contraste formal e semântico entre a e d (cause to die e kill); há um contraste formal, mas não semântico entre a

e c (cause to become red e redder).

Para ele, as diferenças semânticas incontestáveis entre estruturas causativas analíticas do tipo a (cause to V_1) e construções causativas sintéticas do tipo d (V_2) são iconicamente motivadas. Assim sendo, onde causa e resultado são formalmente separados, a distância conceptual entre causa e resultado é também maior. A partir dessa constatação, postula ele, então, o seguinte princípio (renumerado por mim):

- (46) Se duas causativas contrastam em uma dada língua, de tal modo que elas correspondem às estruturas dadas em a-d e elas contrastam semanticamente com respeito à distância conceptual entre causa e resultado, então a distância conceptual entre causa e resultado corresponderá à distância formal entre causa e resultado.

(Haiman(1983:783))

Assim, em inglês, a natureza do contraste entre analíticas e sintéticas pode-se resumir no seguinte, de acordo com Wierzbicka (apud Haiman (1983:784)): (a) nas construções analíticas, diferentemente das sintéticas, causa e resultado não ocorrem necessariamente ao mesmo tempo e no mesmo lugar; (b) ao contrário do que ocorre com as causativas sintéticas, nas analíticas não há sugestão de contato físico entre o causador e causado.

Nos exemplos de causativas analíticas inglesas abaixo:

- (47) a. I caused the tree to fall.
 b. I caused the chicken to die.
 c. I caused the cup to rise to my lips.

em que o causado (causee) é inanimado, ou não consciente (unconscious), Haiman chama a atenção para o fato de que, como elas sugerem uma ausência de contato físico entre causador e causado, há uma conotação de "poderes mágicos" por parte do causador. A própria configuração formal iconicamente expressa isso.

Já nas estruturas sintéticas, em que a distância formal entre causador e causado é reduzida, não há a atribuição dos tais "poderes mágicos" ao causador, conforme se pode observar em

- (48) a. I felled the tree.
 b. I killed the chicken.
 c. I raised the cup to my lips.

A menor distância formal entre causador e causado expressa uma menor distância conceptual: a causação é direta e efetuada por força física. Conforme mencionei na seção anterior, segundo Haiman, a manipulação física, formalmente expressa pelas causativas sintéticas, implica não-volicionalidade por parte do causado (ainda que esse seja animado). E a própria forma sintética, acredita ele, implica iconicamente, manipulação física do causado por parte do causador.

Vejamos, agora, se o princípio da motivação icônica postulado por Haiman pode ser aplicado ao português.

Quanto aos tipos de construções, temos três, previstos na escala de Haiman:

(49) É você que vai fazer com que Miriam durma. Tipo a.

(50) É você que vai fazer Miriam dormir. Tipo b.

e no caso de

(51) É você que vai dormir Miriam.

estamos diante de uma estrutura do tipo d.

Sobre a explicação enunciada no princípio (46) e defendida por ele em termos de motivação icônica, investiguemos a sua aplicação, ou não, no português.

Examinando o grupo de sentenças (49)-(51), em que temos causativas analíticas tipo a e tipo b e sintética, pode-se perceber o seguinte: do ponto de vista de sugestão de distância física entre causador e causado, há uma diminuição gradativa no sentido (49) → (51). Ou seja, a distância física é maior nas analíticas com oração subordinada introduzida por que; é um pouco menor na causativa com infinitivo. Já na causativa sintética pode-se depreender uma forte sugestão de manipulação física por parte do causador em relação ao causado. Isso significa que o princípio da motivação icônica parece atuar no português, visto que a maior ou a menor distância lingüística entre a causa e o resultado expressam a sugestão de uma correspondente distância conceptual (maior ou menor) entre eles.

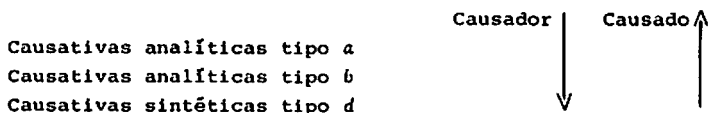
Nos exemplos arrolados neste trabalho e em outros dados como

- (52) a. Vou fazer com que Miriam pare de chorar.
 b. Vou fazer Miriam parar de chorar.
 c. Vou parar Miriam de chorar.
- (53) a. Delfim não conseguiu fazer com que a inflação caísse.
 b. Delfim não conseguiu fazer cair a inflação.
 c. Delfim não conseguiu cair a inflação.

pode-se comprovar a diminuição da distância entre causa e resultado, ou seja, a noção de maior ou menor diretividade de causação, que, aliás, também Comrie (1981) aponta como uma das diferenças entre causativas indiretas (analíticas) e diretas (sintéticas).

Ao examinar (52) e (53), acima, pode perceber, ainda, um outro tipo de gradação correlacionado com a hierarquia formal das estruturas causativas em português. Se considerarmos o maior ou menor controle, em relação ao resultado, tanto por parte do causador, quanto do causado (ou seja, o poder de conseguir que o resultado se efetive), constatamos o seguinte: há uma idéia de um aumento progressivo em direção à assimetria entre causador-causado (em termos, é claro, de tal controle) no seguinte sentido: causativa analítica com oração subordinada desenvolvida → causativa analítica de infinitivo → causativa sintética. Em outros termos: na causativa analítica tipo a, tanto causador quanto causado são responsáveis pela efetivação do resultado. No caso do causador, essa participação é indireta; na analítica tipo b, entende-se um maior controle do resultado por parte do causador — ocorrendo, pois, um desequilíbrio, já que o causado torna-se mesmo agente; na causativa sintética, a assimetria atinge seu grau máximo, pois a idéia é de que o causador é que determina a efetivação do resultado e manipula o causado. Ou seja, o causador tem ampliado o seu âmbito de agência e o causado tende a se tornar paciente. O quadro abaixo configura isso:

- (54) Quanto ao maior controle na efetivação do resultado



Estudando o tipo de controle que o causado detém em relação ao que chama macro-situação causativa, Comrie (1981:175) afirma

que o causativo, como codificador básico do objeto direto, tipicamente refere-se a uma entidade com baixo grau de controle. Achei oportuno mencionar isso aqui, porque, conforme tive oportunidade de mostrar na seção anterior, o SN pós-verbal das causativas sintéticas tem quase todas as características de objeto direto. Ainda mais: nos próprios dados aqui arrolados, conforme mostrei, há casos em que ele aparece na forma pronominal clítica de acusativo.

Também mais ou menos dentro dessa linha de explicação é a que é sugerida por Comrie (1983) para as construções diretivas no inglês. A idéia de Comrie é de que a estrutura lingüística reflete situações pragmáticas. E essa correlação entre pragmática e gramática é estabelecida em termos da noção de *marca*. Segundo ele,

... pode-se às vezes estabelecer uma correlação entre marca lingüística e marca situacional, i.é, aquelas construções que envolvem menos marca formal lingüisticamente correspondem àquelas situações extra-lingüísticas que — de fato ou em nossa conceptualização daquelas situações — são mais esperadas.

(Comrie (1983:28))

No caso das estruturas diretivas (e ele atém-se àquelas com verbos como *persuade*, *promise*, etc), ele conclui (examinando-as à luz da análise dos atos de fala defendida por Searle (1969)) que

lingüisticamente, a construção menos marcada para se referir a uma entidade como capaz de executar um ato é a que expressa essa entidade como sujeito da construção lingüística correspondente; além do mais, a construção menos marcada lingüisticamente para referir-se ao ouvinte (recebedor) de uma diretiva é a que expressa esse ouvinte como objeto da sentença principal que indica que uma diretiva está envolvida.

(Comrie (1983:9))

Consideremos, agora, as causativas em português (também construções do tipo diretivo):

- (52) a. Vou fazer com que Miriam pare de chorar.
 b. Vou fazer Miriam parar de chorar.
 c. Vou parar Miriam de chorar.

Em (52a), a idéia é de que o ato de chorar vai ser efetuado por Miriam. Daí uma estrutura de dupla oração, com indicação explícita de um agente na oração subordinada. Em casos como (52b), a idéia é de que o referente do SN é simultaneamente objeto da

ação causativa e sujeito da ação-resultado. Observe-se que, aqui, diferentemente de (52a), o SN pode aparecer em forma pronominal clítica:

(55) Vou fazê-la parar de chorar.

- o que confirma seu caráter objetivo. Muitos de nossos gramáticos analisam sintaticamente o segundo SN das causativas com infinitivo como objeto da oração principal e sujeito da subordinada (cf. Said Ali (1969)), denominando tais estruturas de *construções de acusativo com infinitivo* (muito comuns no latim). Esse seria, segundo os autores, um dos poucos casos, em português, em que o sujeito aparece na forma clítica.

Quanto à oração (52c), conforme mencionei anteriormente, o controle da ação é feito pelo elemento a que o SN pré-verbal se refere, ao passo que o elemento manipulado, o receptor da ação, é expresso pelo SN pós-verbal. Ou seja, nos termos de Comrie, a construção menos marcada para expressar uma situação de causação direta é a estrutura transitiva direta, que é a que se observa em (52c), estrutura acusativa sintética.

Podemos, então, concluir que, também no português há, no caso das construções causativas, uma relação entre a situação pragmática e a estrutura gramatical.

Dos dados aqui apresentados, pudemos verificar que, também no português, o princípio de motivação icônica formulado por Haiman (1983) poderia explicar as estruturas causativas, já que a uma maior ou menor distância lingüística entre causa e efeito parece corresponder uma maior ou menor distância física entre eles. Considerando o papel do causador e do causado na efetivação do resultado, temos uma proporção inversa expressa nas estruturas: quanto mais aumenta o controle do causador mais diminui o do causado. Finalmente, pudemos também constatar que a explicação de natureza pragmática adotada por Comrie (1983) poderia aplicar-se ao português: quanto maior o caráter diretivo da causação, mais simples a estruturação gramatical.

4. Conclusão

Neste trabalho, que representa apenas uma etapa inicial de pesquisa, propus-me investigar a ocorrência, no português, de estruturas causativas sintéticas e tentar apresentar-lhes uma possível análise.

Tendo em vista que o seu SN pós-verbal apresenta características formais específicas de objeto direto (tais como posição pós-verbal, não-controle de CV, pronominalização sob forma clítica de acusativo) cheguei à conclusão de que tais estruturas são transitivas diretas. Já do ponto de vista semântico, examinei dois traços considerados específicos de paciente (que é o papel semântico com o qual se costuma identificar o objeto direto): o da animação e o da volição. Quanto ao primeiro, constatei uma ocorrência tanto de SNs animados, quanto de inanimados — que corresponde ao quadro real das orações consideradas transitivas no português; no que concerne ao segundo, o da volição, pude perceber que os SNs pós-verbais das causativas sintéticas, correspondentes ao causado (causee), apresentam, em geral, uma idéia de não-volição, e, portanto, traço de paciente. Tendo em vista, entretanto, que noções como as de paciente (e também de objeto) talvez não sejam muito bem descritas em termos de traços discretos, sugeri que, assim como Pontes (1984) fez em relação ao sujeito, fossem elas estudadas em termos da teoria de casos típicos.

Numa tentativa de explanação dessas estruturas, pôde-se perceber que, numa série envolvendo também os outros dois tipos de causativas do português — as analíticas — há uma relação entre a maior ou menor distância conceptual entre causa e resultado. Desse modo, nas estruturas analíticas a causação é indireta e nas sintéticas, mais direta — o que vem confirmar o princípio de motivação icônica postulado por Haiman (1983). Uma outra constatação foi a de que a hierarquia formal das construções causativas do português reflete um crescimento da assimetria entre causador e causado no sentido de maior ou menor controle da efetivação do resultado. Uma outra explicação seria a de que as estruturas causativas refletem situações pragmáticas. Assim sendo, constatou-se que a estrutura menos marcada no português para indicar maior "diretividade" de ação seria a causativa sintética — o que confirmaria a hipótese de Comrie (1983).

NOTAS

1. Este é o texto integral da comunicação por mim apresentada no IX Encontro Nacional de Linguística realizado na PUC/RJ, no período de 5 a 8 de novembro de 1984. Constitui ele parte de uma pesquisa de âmbito maior que vem sendo desenvolvida por uma equipe de professores da FALE-UFMG, sob a coordenação da

Profa. Eunice Pontes, visando a descrever o português coloquial culto de universitários na faixa etária de 25 a 50 anos, da região de Belo Horizonte.

Agradeço à Profa. Eunice Pontes a orientação bibliográfica e à Profa. Anilce Maria Simões as valiosas sugestões.

2. Observe-se que o autor apresenta como correspondentes das causativas sintéticas apenas as estruturas analíticas com infinitivo, não mencionando as que têm oração subordinada introduzida pelo complementizador que.
3. Ao enunciar essa sentença, o falante estava-se referindo ao caso de concessão (por parte do governo federal) da exploração de energia elétrica de algumas cidades do sul de Minas à CEMIG, ou à Bragantina.
4. Seria interessante lembrar que *factitivos* é uma outra denominação que os autores costumam dar aos verbos causativos (das estruturas analíticas).
5. Pode ser que essas frases sejam melhores numa acepção contrastiva.

REFERÊNCIAS

- ALI, Said (1966). Dificuldades da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Acadêmica.
- ____ (1969). Gramática secundária. S. Paulo, Melhoramentos.
- BITTENCOURT, Vanda de Oliveira (1979). A posposição do sujeito em português. Dissertação de Mestrado inédita, Belo Horizonte, FALE-UFMG.
- COMRIE, Bernard (1981). Language universals and linguistic typology. Oxford, Basil Blackwell.
- ____ (1983). Markedness, grammar, people and the world. University of Southern California. (Manuscrito)
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento (1983). Concordância Verbal, topicalização e posposição de sujeito. Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura. Belo Horizonte, Departamento de Lingüística e Teoria da Literatura, FALE-UFMG, (9): 9-48.
- FILLMORE, Charles J. (1968). The case for case. In: BACH, Emmond & HARMS, Robert T., ed. Universals in linguistic theory. New York, Holt, Rinehart and Winston.
- GÓIS, Carlos (1983). Método de análise. Rio de Janeiro, Francisco Alves.
- HAIMAN, John (1983). Iconic and economic motivation. Language, 59 (4): 781-819.
- KURY, Adriano da Gama (1970). Lições de análise sintática; teoria e prática. Rio de Janeiro, Fundo Cultura.
- LAKOFF, George (1977). Linguistic gestalts. Papers from the Thirteenth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society, University of Chicago.
- LYONS, John (1977). Semantics. Cambridge University Press, v.2.
- PERLMUTTER, David (1976). Evidence for subject downgrading in Portuguese. In: SCHMIDT-RADEFELT, ed. Reading in Portuguese Linguistics. Amsterdam, Academic Press.
- PONTES, Eunice (1973). Verbos auxiliares em português. Petrópolis, Vozes.
- ____ (1982). A ordem VS em português. Cadernos de Lingüística e Teoria da Literatura. Belo Horizonte, Departamento de Lingüística e Teoria da Literatura, FALE-UFMG (7): 90-137.
- ____ (1984). Sobre o conceito de sujeito. Tese para Professor Titular, inédita. Belo Horizonte, FALE-UFMG.